

A GEOMETRIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS / SP (1920 a 1950)

Waldecy Serafim Ramos,¹ Dra. Valéria Zanetti², Dra. Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali³

^{1, 2 e 3} Universidade do vale do Paraíba / Núcleo de planejamento Urbano e Regional IP&D, 1 Mestranda em Planejamento Urbano e Regional / Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, Cep 1244-000 – São José dos Campos / SP Waldecyserafim@vivax.com.br, vzanetti@univap.br, papali@nivap.br

Resumo – Trataremos da organização espacial da cidade de São José dos Campos como um produto das relações sociais estabelecidas na sociedade e administradas pelo poder público. O espaço urbano, estabelecido a partir de interesses dos grupos hegemônicos, é entendido como resultado dessas relações, na configuração urbana com sua materialidade. Investiga-se os interesses ligados à ação pública que, marcaram a paisagem da cidade em duas zonas: sanatorial e industrial, revelando-se uma das propostas pioneiras na política de geometrização do espaço urbano e regional no Brasil. A vocação sanatorial da cidade no início do século XX delimitou uma área sanatorial, definida por uma linha imaginária que separava a zona da tuberculose da zona industrial. A posição da saúde foi reforçada pela observação das estruturas relacionadas a essa atividade, dando uma dinâmica econômica relacionada à cura da doença. Sanatórios e pensões, pela força do comércio que mobilizava em torno da doença, chegavam muitas vezes a ignorar o zoneamento administrativo. Essa barreira imaginária entre o bairro de Santana, que comportava o operariado da cidade e o Centro que alojava os doentes, será o nosso principal foco de estudo.

Palavras-chave: Espaço social e Urbano, geometrização do espaço, zona sanatorial, operariado e doença, História.

Área do Conhecimento: Ciências sociais aplicadas: Aspectos sociais do planejamento urbano e regional

Introdução

Conferir ao espaço um papel ativo na construção da sociedade é tarefa que deve considerar muitos elementos. O espaço moderno, impresso em estruturas urbanas e bairros adaptados pela doença ou pela indústria, nos colocou diante de experiências urbanas diferenciadas. Nas décadas enfocadas (1920 a 1950), pode-se entender a política tendo o espaço como referência. A configuração espacial pode ser concebida como a materialização de ações decorrentes da interação político-econômica e social.

Traçamos uma trajetória urbanística da cidade compreendendo sua ocupação territorial, a partir da sua relação com as políticas públicas referentes à indústria e aos sanatórios.

Segundo Vianna (2004), na Europa, intervenções urbanas e sanitárias se confundiam para organizar o inchaço urbano resultante do processo migratório e imigratório, que desenhou novos e isolados centros econômicos e sociais. Com o avanço do sistema capitalista, as cidades se fundem no *espaço metropolitano* desconcentrado, processo observado no Brasil a partir de 1940, momento de acelerada urbanização, ativada pela industrialização, impulsionada pelo poder público, o território urbano se especializa.

A mudança na utilização do espaço nos levou a tentar compreender melhor o desenvolvimento e crescimento da cidade de São José dos Campos. Percebeu-se que a modificação da função do espaço joseense teve como impulso um arranjo, político e socialmente orientado. Busca-se entender como essas articulações se deram no espaço urbano de São José dos Campos nas décadas de 1920 a 1950. As pesquisas apontam a cidade de São José dos Campos como uma das primeiras cidades a sofrer uma política de funcionalidade da sua paisagem, a que denominamos geometrização do espaço.

Metodologia

O estudo propõe uma análise de abordagem histórica e geográfica tendo como base o espaço socialmente construído.

A análise de sua geometrização é nosso foco de atenção. Como fonte primária, nos apoiamos nos depoimentos orais de parentes e portadores da tuberculose que buscaram a cidade no passado para se curarem da doença. Também recolhemos depoimentos de operários da fábrica da Tecelagem Parayba e moradores do bairro de Santana, como forma de enriquecer a reconstrução do ambiente social de 1920-1950.

O recorte cronológico vai da década de 1920 até a década de 1950. As fontes e os materiais consultados até o momento referem-se a documentos encontrados no arquivo público municipal da cidade de São José dos Campos. Um deles de suma importância, refere-se ao Departamento Público do Estado de São Paulo, em inspeção preliminar do município, escrito pelo doutor João Flório (1944). Pesquisamos o jornal “Correio Joseense”, que nos revelou dados sobre a vinda da fábrica e o novo uso desse espaço, interferindo no novo sentido da cidade. Em edição de 1935 esse mesmo jornal anunciou que na cidade de São José dos Campos haviam 8.000 mil famílias das quais 4.000 tinham seus destinos ligados diretamente à fábrica da Tecelagem Parayba. Nesse contexto, faremos uma análise de dados estatísticos divulgados nas edições do jornal Correio Joseense, pois, nas décadas estudadas (1920 -1950), o número de sanatórios e de doentes cresceu paralelamente ao de operários. Temas como a formação do operariado no Brasil e questões ligadas à educação sanitária e política higienista deram forte amparo à justificativa da funcionalidade e divisão em áreas do espaço urbano, desvelando o fenômeno da geometrização desse espaço ocupado por operários e doentes.

É de suma importância para esse trabalho dados que foram coletados sobre o operariado da fábrica da Tecelagem Parayba. As atas de reunião de diretoria da fábrica no período de 1925 a 1935, já transcritas, nos apresenta as pessoas envolvidas no empreendimento, assim como faz menção aos sócios majoritários, com sua origem social e política.

O outro corpo documental refere-se aos livros de onde estão relatados o comportamento dos operários da fábrica, num sistema de cooptação e dominação.

Resultados

O espaço modifica a estrutura social vigente e é por ela modificado num processo influenciado pela economia, moldado pela ideologia e possibilitado pela política. Este artigo investiga este espaço em que duas fases convivem simultaneamente na cidade de São José dos Campos, a fase sanatorial e a fase industrial. Esse espaço incorpora técnica, ação, normas e eventos. Como forma de regulamentar essas relações, os lugares são criados e recriados, para o melhor funcionamento desse espaço que deve se adequar à novas demandas sociais. A cada movimento da sociedade, a paisagem se transforma. As necessidades de transformação da cidade de São José, que alojava doentes e sãos, principalmente operários da dinâmica e importante

economia industrial, possibilitou a geometrização do espaço urbano de São José dos Campos.

Apoiando-nos em memória oral e fotográfica do operariado e dos que vivenciaram com seus parentes a fase da doença, pretende-se observar até que ponto o espaço dividido e funcional interferiu no cotidiano da população de São José dos Campos restrito a uma linha imaginária que determinava os espaços da cidade.

Discussão

Por quais portas a transformação urbanística entrou nessa cidade? São José dos Campos, centro de tratamento da tuberculose, concentrava um grande número de doentes na sua área urbana. Como lidar, ao mesmo tempo, num mesmo espaço, com a força de trabalho industrial e com os tísicos, considerados grandes focos de contaminação? Nesta configuração, o bairro de Santana se destaca na paisagem urbana de São José dos Campos. Sua importância chega ao ponto dos moradores exigirem a emancipação do bairro.

Pesquisaremos este subespaço; esta linha imaginária ou rua de “mão dupla” que separava a cidade em duas partes num espaço de confrontos e embates.

Como o planejamento urbano procurou nexos entre o proposto e o realizado?

Do que se sabe, doente contamina o operário e o operário contamina a sociedade (ZANETTI, 2008).

Notamos que desde seu início o projeto da fábrica contava com uma vila operária, já estabelecendo a continuação do espaço da fábrica ao espaço familiar do operário. Vale a pena relatar que essas estruturas físicas se estendiam apenas para os arredores da zona industrial, como cooperativas, armazéns, escolas, etc, como forma de tornar o espaço auto-suficiente para evitar a mobilização e contato do operariado com os tísicos que perambulavam pela cidade.

Orientações higienistas e sanitárias eram dadas aos operários para não transitarem pela cidade em área de doentes, evitando assim a contaminação.

Conclusão

São José dos Campos não era apenas um espaço natural, mas um espaço de articulação política e que muito cedo, já na década de 1932, a funcionalidade espacial estava mais ou menos definida num precoce plano de zoneamento urbano. Na implantação da fábrica pensava-se em construir uma vila operária indicando uma preocupação com este espaço que iria ser ocupado pelos operários, mas também aponta para mecanismos de vigilância e dominação de conflitos. No complexo da Tecelagem Parayba,

iniciativas como a criação do espaço de um centro recreativo, banda musical e escola, eram estratégias que permitiam a cooptação e encobrimento de conflitos de classes.

A reflexão sobre os espaços e lugares nos revela a questão do outro e nos remete a pensar as “práticas do cotidiano” no dizer de Michael de Certeau (2001), pois, nesse momento, o espaço da fábrica além de ser instância de maior valia e lucro, se estendeu até a casa do operário, interferindo no cotidiano do espaço social da cidade. Ao mesmo tempo temos o centro da cidade com equipamentos adaptados para os internos dos sanatórios e pensões bem como seus familiares. Observamos que a única via de acesso que havia entre o bairro de Santana (operariado) e o centro da cidade (doentes, parentes e outros serviços), continha uma barreira imaginária, levando inclusive os moradores do bairro de Santana reivindicar sua independência. Os moradores da região norte tinham medo do contágio e enxergavam a política higienista como um freio para a vinda dos empregos na cidade.

ZANETTI, Valéria; Cidade e identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares. Tese de doutorado. PUC, São Paulo, 2008.

Referências

ATAS DE REUNIÃO (de diretoria da fábrica da Tecelagem Parayba 1926/1935), Arquivo público municipal de Sao José dos Campos.

CEARTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. 11ª edição. Editora vozes, 2003. Rio de janeiro.

JOAO FLÓRIO. Relatório da inspenção preliminar do municipio e estância hidromineral e climática de São José dos Campos, departamento de Saude Pública do Estado de São Paulo,1944.

JORNAL CORREIO JOSSENSE (fevereiro de 1935).

LESSA, SIMONE; tese de doutorado Universidade Federal de Campinas: o planejamento e a construção do pólo regional do Vale Do Paraíba (2001).

RICCI, Fabio. Origens e aspectos do desenvolvimento das indústrias têxteis no Vale do Paraíba paulista na república velha.Tese de doutoramento. FFL/USP,2002.

VIANNA, P. V. C.; Saúde e Cidade: uma relação inscrita no espaço; a fase sanatorial de São José dos Campos / SP.